

2

O Texto de Mateus 21,33-46, sua delimitação e estrutura

Como texto base para o presente estudo tomaremos Mateus 21,43, no contexto da parábola dos vinhateiros homicidas 21,33-46. A escolha do texto foi determinada por dois motivos centrais:

Em primeiro lugar, porque nessa possível cláusula redacional encontra-se abordada a questão forense: ela é essencial para alcançar o significado da parábola dos vinhateiros homicidas (21,33-46), principalmente como parábola jurídica. É precisamente no verso 43 que Mateus indica a culpa de Israel (seus dirigentes) e sua imediata e inevitável condenação, com a perda da βασιλεία, para logo em seguida transferi-la para um novo ἔθνος que produza seus frutos. Essa dinâmica é bem articulada em uma provável perspectiva de procedimento jurídico.

Em segundo lugar, motivou-nos o estudo deste texto a possível compreensão de que esta temática possa apontar para a concepção do sentido jurídico no Evangelho de Mateus, a partir de uma análise dos elementos constitutivos da sentença de 21,43.

A análise da construção de texto nos ajudará mostrar que Mateus 21,33-46 pode ser visto como unidade literária autônoma, com uma estrutura bem organizada. Veremos a relação temática nos vinhateiros como também na sequência do texto que antecede e no que se segue; assim como investigaremos a macro estrutura do Evangelho de Mateus, por conseguinte indicaremos características jurídicas na estrutura dos vinhateiros homicidas.

2.1.

Texto de Mateus 21,33-46¹

<p>Ἔλλην παραβολὴν ἀκούσατε. ἄνθρωπος ἦν οἰκοδεσπότης ὅστις ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα καὶ φραγμὸν αὐτῷ περιέθηκεν καὶ ὠρυξεν ἐν αὐτῷ ληνὸν καὶ ᾠκοδόμησεν πύργον καὶ ἐξέδετο αὐτὸν γεωργοῖς καὶ ἀπεδήμησεν.</p>	33	<p>Escutai outra parábola. Havia, um homem, dono de casa, que plantou uma vinha, e uma cerca colocou em volta, e cavou nela um lagar e construiu uma torre e arrendou-a a lavradores, e se ausentou em viagem.</p>
<p>ὅτε δὲ ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῶν καρπῶν, ἀπέστειλεν τοὺς δούλους αὐτοῦ πρὸς τοὺς γεωργοὺς λαβεῖν τοὺς καρποὺς αὐτοῦ.</p>	34	<p>Quando, porém, se aproximou o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores para receber os seus frutos.</p>
<p>καὶ λαβόντες οἱ γεωργοὶ τοὺς δούλους αὐτοῦ ὃν μὲν ἔδειραν, ὃν δὲ ἀπέκτειναν, ὃν δὲ ἐλιθοβόλησαν.</p>	35	<p>E tomando os servos, os lavradores espancaram a um, mataram a outro, a outro apedrejaram.</p>
<p>πάλιν ἀπέστειλεν ἄλλους δούλους πλείονας τῶν πρώτων, καὶ ἐποίησαν αὐτοῖς ὡσαύτως.</p>	36	<p>De novo enviou outros servos, em maior número que os primeiros, e fizeram-lhes o mesmo.</p>
<p>ἕστερον δὲ ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ λέγων· ἐντραπήσονται τὸν υἱόν μου.</p>	37	<p>Depois, porém, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito pelo meu filho.</p>
<p>οἱ δὲ γεωργοὶ ἰδόντες τὸν υἱὸν εἶπον ἐν ἑαυτοῖς· οὗτός ἐστιν ὁ κληρονόμος· δεῦτε ἀποκτείνωμεν αὐτὸν καὶ σχῶμεν τὴν κληρονομίαν αὐτοῦ,</p>	38	<p>Porém, os lavradores, vendo o filho, disseram entre eles: Este é o herdeiro: vinde, matemo-lo e tomemos posse da sua herança.</p>
<p>καὶ λαβόντες αὐτὸν ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος καὶ ἀπέκτειναν.</p>	39	<p>E tendo tomado-o o lançaram fora da vinha, e o mataram.</p>
<p>ὅταν οὖν ἔλθῃ ὁ κύριος τοῦ ἀμπελῶνος, τί ποιήσει τοῖς γεωργοῖς ἐκείνοις;</p>	40	<p>Quando, portanto, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?</p>

¹NESTLÉ-ALAND, *novum Testamentum Graece*, 27ª edição, 1998.

λέγουσιν αὐτῷ· κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτοὺς καὶ τὸν ἀμπελῶνα ἐκδώσεται ἄλλοις γεωργοῖς, οἵτινες ἀποδώσουσιν αὐτῷ τοὺς καρποὺς ἐν τοῖς καιροῖς αὐτῶν.	41	Dizem-lhe: Sendo maus, de modo mau os destruirá, e a vinha arrendará a outros lavradores, tais que pagarão a ele os frutos no tempo devido a ele.
Λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· οὐδέποτε ἀνέγνωτε ἐν ταῖς γραφαῖς· λίθον ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες, οὗτος ἐγενήθη εἰς κεφαλὴν γωνίας· παρὰ κυρίου ἐγένετο αὕτη καὶ ἔστιν θαυμαστὴ ἐν ὀφθαλμοῖς ἡμῶν	42	Jesus lhes diz: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que rejeitaram os edificadores esta se tornou por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isto e é maravilhoso aos nossos olhos?
διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν ὅτι ἀρθήσεται ἀφ' ὑμῶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ καὶ δοθήσεται ἔθνει ποιοῦντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς.	43	Por isso vos digo que será tirado de vós o Reino de Deus e será dado a um povo que produza seus frutos.
[καὶ ὁ πεσὼν ἐπὶ τὸν λίθον τοῦτον συνθλασθήσεται· ἐφ' ὃν δ' ἂν πέση λικμήσει αὐτόν.]	44	[E o que caiu sobre essa pedra ficará espedaçado; sobre quem ela cair, o esmagará].
Καὶ ἀκούσαντες οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι τὰς παραβολὰς αὐτοῦ ἔγνωσαν ὅτι περὶ αὐτῶν λέγει·	45	E tendo ouvido os principais sacerdotes e os fariseus as suas parábolas conheceram que fala a respeito deles.
καὶ ζητοῦντες αὐτὸν κρατῆσαι ἐφοβήθησαν τοὺς ὄχλους, ἐπεὶ εἰς προφήτην αὐτὸν εἶχον.	46	E buscando-o agarrar, temeram as multidões, visto que por profeta o tinham.

2.2. Notas sobre a tradução de Mateus 21,33-46

A transmissão do texto de Mateus 21,33-46 não oferece problemas significativos quanto ao seu aparato crítico. As principais variantes apresentadas são as seguintes:

No v. 36, o advérbio *παλιν* é construído com diversas partículas, resultando em várias leituras alternativas: *και παλιν* (e de novo); *παλιν ουν* (de novo / portanto) e *παλιν δε* (de novo / porém). Essas variantes promovem apenas uma mudança estilística, sem provocar qualquer alteração de sentido ou de conteúdo. Não obstante, é preferível manter o advérbio *παλιν* sem a presença de partículas, já que antecede ao verbo de movimento *ἀποστέλλω* denotando um sentido de retorno a um estado anterior pelo insucesso da ação, portanto há necessidade de se introduzir *uma vez mais, novamente, de novo* na sequência lógica da narrativa.

No v. 38, o verbo *σχῶμεν* sofre alteração no final da frase: “e *tenhamos* a sua herança”. Esta alteração é a seguinte: *κατασχῶμεν*, do verbo *κατεχω* (reter, conter, deter, etc) ficaria: “e *retenhamos* a sua herança”. Esta forma parece apenas criar uma forte dramatização na ação desesperadora dos vinhateiros. Mostra que a intenção deles é somente a herança. A conservação do verbo *σχῶμεν* atende melhor ao sentido do texto. O que pode ser observado a partir das reflexões que se encontram em um plano moral estabelecido desde a intenção do “οἰκοδεσπότης” (v.36) como última alternativa, enviar o seu filho. Entretanto, a proposta que os vinhateiros confabulam no v. 38 é inviável, isso porque o proprietário está vivo, impossibilitando assim a retenção da herança. De qualquer modo, o verbo *σχῶμεν* não resolveria a incoerência observada, mas suavizaria a articulação do texto, e apontaria tanto para uma questão moral quanto também para uma questão de caráter jurídico, já que o seu filho era, além da sua última alternativa, o seu herdeiro legítimo. Ou seja, o seu representante legal.

O v.39: *καὶ λαβόντες αὐτὸν ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος καὶ ἀπέκτειναν*. “o lançaram fora da vinha, e o mataram”. A variante assinalada² trata da inversão de palavras. A ordem das palavras encontra-se invertida para *αὐτὸν ἀπέκτειναν καὶ ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος*, “o mataram e lançaram fora da vinha” é

possível conferir outras leituras alternativas sempre na tentativa de harmonizar com o texto correlato do Evangelho de Marcos 12,8 (καὶ λαβόντες ἀπέκτειναν αὐτὸν καὶ ἐξέβαλον αὐτὸν ἔξω τοῦ ἀμπελώνως). Desta maneira, assimilado à sequência de Marcos, o filho é morto e então lançado fora da vinha (Marcos 12,8). Entretanto, para Mateus (21,39) e Lucas (20,15), refletindo o fato que Jesus fora crucificado fora da cidade (João 19,17.20; Hb 13,12s) alteram naturalmente a ordem de Marcos. A expulsão do filho acontece antes do assassinato premeditado³. Os sinóticos concordam na motivação do assassinato do filho. A única alteração expressiva nos pormenores da morte está, portanto, na intensificação da alegoria. Sendo assim, é preferível manter o verso 39, na ordem presente, pois atende a intenção do redator mateano, já que Marcos mostra que os vinhateiros ao assassinarem o filho lançam o corpo insepulto fora da vinha, mas Mateus e Lucas, independentemente de Marcos, apresentam a alegoria bem próximo do que seria a realidade, onde o filho foi lançado para fora da vinha e então foi morto, assim como Jesus foi crucificado fora da cidade de Jerusalém⁴.

v.44: [καὶ ὁ πεσὼν ἐπὶ τὸν λίθον τοῦτου συνθλασθήσεται· ἐφ' ὃν δ' ἂν πέση λικμήσει αὐτόν.]

O versículo 44 é omitido em algumas testemunhas⁵. Parece tratar de uma antiga interpolação, levando-se em consideração o paralelo de Lucas 20,18. Praticamente não há nenhuma conexão com o verso 43. Também a imagem do v. 42 não facilita muito. A citação de Salmo 118,22-23 era uma necessidade pertinente ao processo de alegorização. Porém, um lugar que corresponda de maneira mais adequada sua inclusão seria após o verso 42, ainda que a ligação com o verso 43 seja bastante fraca e a idéia do verso 42 tampouco é equivalente. Possivelmente sua supressão possa ser elucidada, considerando que, o olho do copista passou de αὐτῆς (v.43) para αὐτόν⁶. O v. 44 sugere um destino terrível para os dirigentes judeus, logo após a sentença punitiva pela sua esterilidade, ou

²De acordo com o aparato crítico da The Greek New Testament, 4ª edição

³METZGER, B.M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, New York, United Bible societies, 1975.

⁴DRURY, J., *The Sower, the Vineyard, and the Place of Allegory in the Interpretation of Mark's Parables*, in JTS, 24, 1973, p. 372.

⁵O v. 44 é omitido nas seguintes testemunhas: D 33; sy^s; Irenaeus^{lat}; Origen; Eusebius^{sy}.

⁶Apesar de considerar o versículo um acréscimo ao texto, devido à sua antiguidade e importância na tradição textual, a comissão (GNT) resolveu retê-lo no texto, dentro de colchetes duplos. Sendo assim, os editores apresentaram, precedido pela sigla {C}, o que mostra que sua originalidade está sujeita a um apreciável grau de dúvida.

seja, sua incapacidade de produzir frutos (v. 43). Analisando o v. 44 sob esse aspecto torna a sequência mais viável.

2.3. Delimitação de Mateus 21,33-46

A perícopre da parábola dos vinhateiros em Mateus 21,33-46 pode ser delimitada sem maiores dificuldades. Os elementos presentes no início, no desenvolvimento e no final da narrativa são relativamente simples e a estrutura textual quanto a sua segmentação são bem precisas. Porém, mostra-se uma condição *sine qua non* na interpretação, já que o próprio texto de Mateus 21,33-46 deixa vislumbrar algumas fases no seu processo redacional, comparando com a sua fonte principal.

A construção narrativa da perícopre precedente dos dois filhos (21,28-32) faz parte com a controvérsia sobre a autoridade de Jesus (v. 23-27), que não apresenta um final com características estilísticas e nem um dito conclusivo de Jesus, além do mais, a parábola (28-32) não proporciona, como era de se esperar, uma exposição narrativa. Pelo contrário, a parábola é iniciada com uma pergunta no v. 28 (Τί δὲ ὑμῖν δοκεῖ;) que resulta de uma série de questionamentos articulados desde o v. 23, quando os interlocutores de Jesus perguntam pela sua ἐξουσία, com o seu momento conclusivo no verso 32, colocando temporariamente um fim a controvérsia. Encontramos na conclusão (v. 32) uma breve aplicação, bem concatenada com a disputa anterior de Jesus com os sumos sacerdotes e anciãos (23-27), quando a sua autoridade é questionada⁷.

O verso 33 introduz a unidade textual com Ἄλλην παραβολὴν ἀκούσατε. O uso do verbo ἀκούω na forma imperativa do aoristo ativo supõe a presença de pessoas (2ª pessoa do plural). Jesus conta uma nova história aos seus interlocutores do v. 23. Portanto, a narrativa da parábola dos vinhateiros homicidas destaca-se da precedente parábola dos dois filhos (Mateus 21,28-32) pelo início de uma nova narrativa (ἄλλος). A perícopre aparece em forma de parábola (Ἄλλην παραβολὴν), onde os v. 33-39 apresentam elementos parabólicos. Dentro dessa perspectiva é apresentada a parábola da vinha com um breve anúncio (33a). A parábola em si começa no 33b segue até 39.

⁷GOURGUES, M., *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*, p. 132. Gourgues delimita a perícopre 21,28-32, observando a introdução do verso 28, por uma pergunta de Jesus (“que vos parece?”) e sua conclusão no verso 32. Para Ulrich Luz essa unidade literária inicia-se no v. 23 e se prolonga até o v. 32. LUZ, U., *El Evangelio según San Mateo*, p.274.

A introdução (33) situa a história, demonstrando uma estreita relação de Deus com os homens; o que é bem próprio de Mateus, já que ele apresenta em sua teologia a tendência de proporcionar essa relação Deus / homem⁸, através da analogia do senhor / servo: Mateus 10,25: ὁ δούλος ὡς ὁ κύριος αὐτοῦ; 13,27: οἱ δούλοι τοῦ οἰκοδεσπότη; e também em 20,1.11. Mateus mostra que este homem é um οἰκοδεσπότης “proprietário”; essa adequação estabelece teologicamente também a relação entre o senhor da vinha e os vinhateiros. Assim, a sua audiência perceberá a responsabilidade que lhe é devida de tornar ao proprietário (Deus) os frutos da sua vinha. A dinâmica do relato se estende até o seu ponto decisivo (37-39).

A expectativa criada na narrativa parabólica (37-39) é agora de forma proposital direcionada aos interlocutores de Jesus (40-41). O caso apresentado na dramatização anterior, entre o senhor da vinha e os vinhateiros, requer da audiência mateana uma imediata tomada de decisão e isso se dá através do julgamento do episódio apresentado da seguinte maneira:

Com uma nova indicação temporal, o verso 40a insere: “*Quando, portanto, vier o senhor da vinha*”. É empregado um recurso estilístico em forma jurídica⁹, com a pergunta em 40b. Desta forma, os ouvintes prontamente interagem na dramatização emitindo um juízo. Na etapa conclusiva da narrativa (42-46), a dinâmica do relato indica o ponto mais surpreendente de toda dramatização (43): a principal reclamação é a necessidade de dar frutos e, por conseguinte a inesperada transferência da βασιλεία τοῦ θεοῦ para um novo ἔθνος.

A parábola tem sua conclusão com o v. 46. O capítulo 22, a partir do versículo 1, apresenta um novo enfoque, explicitado pelo uso do advérbio πάλιν e que se estende ao verso 14, que dá a forma conclusiva para essa unidade textual. O verso 1 é de caráter introdutório com uma formulação bem precisa. Desta maneira, conecta essa nova unidade textual (parábola do banquete nupcial) com o verso anterior (46). A parábola do banquete nupcial tem a sua narrativa a partir do v.2 que se prolonga até o v. 13b; seguida por um comentário (13c-14).

A análise da construção de texto mostra que Mateus 21,33-46 pode ser visto como unidade literária intercalada com mais duas parábolas: dos dois filhos

⁸Cf., LÉON-DUFOUR, S. J. X., *Études D'Évangile*, p. 338. Léon-Dufour mostra que esta relação Deus / homem supera simbolicamente a exigência de fidelidade à aliança.

⁹Esse recurso também é usado na parábola anterior (21,31)

(21,28-32) e a parábola do banquete nupcial (22,1-14). O texto está bem construído e sua unidade literária pode ser com nitidez assinalada, embora com diferentes momentos, destacando a sentença jurídica no v. 43: como **a parábola (33-39)**, que dentro da perspectiva de uma parábola, o escritor de Mateus apresenta os vinhateiros homicidas. Em seguida se destaca o **juízo (40-41)**, que se dá após a exposição da parábola e é formulada uma pergunta no verso 40: “*Quando, portanto, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?*”. Cabe aos interlocutores de Jesus julgarem o caso apresentado; e farão isso respondendo imediatamente (41b): κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτοὺς. Na última etapa desse processo surgem a **acusação** e a **interpretação (42-46)**, a principal reclamação é a necessidade de produzir (ποιέω) frutos (**43**), logo ocorre a transferência para um novo ἔθνος. Os interlocutores interpretam a parábola. Entendem que a história relatada mostra o próprio conflito deles com Jesus.

2.4. Aspectos estruturais no Evangelho de Mateus

A estrutura literária do Evangelho de Mateus tem estado no centro de controvérsias e constantes debates. Não existe atualmente qualquer consenso sobre a estrutura deste Evangelho, que se tornou objeto de intenso interesse e investigação aprofundada entre os estudiosos. De acordo com R. Gundry¹⁰ a estrutura do Evangelho de Mateus não pode ser explicado a partir de uma única formulação. Mas, uma série de dispositivos que darão forma estrutural ao Evangelho. As hipóteses são inúmeras, desde inclusões, quiasmos¹¹, repetições¹², tríades, padrões numéricos, fórmulas repetitivas¹³, até fluxo narrativo que se desenvolve do início ao fim do Evangelho, como a proposta de M. Thompson¹⁴ e R. A. Edwards¹⁵.

F. Matera¹⁶ e J. D. Kingsbury¹⁷ têm sugerido hipóteses semelhantes a partir dessa perspectiva estrutural para a compreensão da trama de Mateus, dando ênfase aos elementos do fluxo narrativo, como causalidade e conflito. F. Matera, em seu artigo “*The Plot of Matthew's Gospel*”, analisa a estrutura de Mateus considerando que os eventos estão relacionados entre si em termos de causa e efeito e é através do discernimento dessas relações causais que a lógica da narrativa é aclarada. A ênfase voltada para a causalidade mostra que o significado dos eventos só pode ser determinado em função dos seus resultados. Assim, Matera diferentemente de Edwards, não analisa a trama do Evangelho de Mateus pela leitura narrativa a partir do seu início, mas, sim, pelo final. Para ele, trata-se de um padrão de causa e efeito que se desenvolve ao longo da narrativa provocando sempre uma reação para a narrativa seguinte. Desta forma, o final do Evangelho de Mateus revela este “*efeito final*”.

¹⁰GUNDRY, R., *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, pp. 10-11.

¹¹LUZ, U., *Matthew 1-7*. pp. 31-41. Para U. Luz a estrutura é enfatizada por repetições de palavras, por inclusões e por formulação de quiasmo.

¹²ANDERSON, C., *Double and triple Stories, the Implied reader and Redundancy in matthew*, in *Semeia* 31 (1985), pp. 71-89.

¹³BURNETT, F. W., *Prolegomenon to reading Matthew's Eschatological Discourse: redundancy and the Education of the Reader in Matthew*, in *semeia* 31 (1985), pp. 91-109.

¹⁴THOMPSON, M., *The Structure of Matthew: A Survey of Recent Trends*, p. 238.

¹⁵EDWARDS, R. A., *Matthew's Story of Jesus*. Philadelphia: Fortress, 1985, p. 9.

¹⁶MATERA, F., *The Plot of Matthew's Gospel*, in *CBQ* 49 (1987) 233-253.

¹⁷KINGSBURY, J. D., *Matthew as Story*. Philadelphia: Fortress, 1988.

A narrativa termina com um desenvolvimento (missão para os gentios) que pareceu necessário em uma fase anterior (10,6; 15,24). O enredo (lógica narrativa) do Evangelho explicaria essa evolução. Matera acredita que, apresentando o movimento do Evangelho de Israel para as nações tratar-se-ia de uma consequência da rejeição de Israel do Jesus Messias¹⁸.

A parábola dos vinhateiros homicidas (21,33-46) teria uma função importante dentro dessa análise, já que trataria da rejeição de Israel e o assassinato de Jesus. Tanto em 21,41, com a rejeição e em 21,43 com a consequente passagem do Reino para os que produzissem frutos (comunidade mateana) são a causa da grande comissão em Mateus 28,16-20. Ela própria é uma causa que vai ter efeitos diversos na história (cf. 10,16-25; 24,9-14). O ponto inteiro da grande comissão é colocado no final da narrativa de Mateus (28,16-20).

Assim, a estrutura é apresentada com seis grandes blocos de narrativa: a vinda do Messias (1,1-4,11), o ministério do Messias de Israel (4,12-11,1), a crise no ministério do Messias (11,2-16,12), a viagem do Messias para Jerusalém (16,13-20,34), a morte e ressurreição do Messias (21,1-28,15), e por fim a grande comissão (28,16-20).

No entanto, nenhum desses dispositivos literários¹⁹ tem predominância na estrutura do Evangelho. A proposta do fluxo narrativo que se desenvolve do início ao fim do Evangelho é interessante sob o aspecto temático, contudo, enquanto proposta de estrutura não é suficientemente capaz de atender a complexidade estrutural do Evangelho de Mateus.

¹⁸MATERA, F., *The Plot of Matthew's Gospel*, p. 243. No aspecto de Jesus, o Messias, Deus cumpre suas promessas a Israel. Mas Israel se recusa a aceitar Jesus como o Messias. Por conseguinte, o Evangelho passa para as nações.

¹⁹BAUER, D., *The Structure of Matthew's Gospel: A Study in Literary Design*. Sheffield: Almond, 1988. Bauer emprega dispositivos literários para indicar as unidades maiores na relação estrutural.

2.4.1.

A estrutura do Evangelho de Mateus em cinco discursos

A complexidade do tema e a falta de acordo sobre a metodologia aplicada possibilitam assim inúmeras soluções. A mais conhecida e mais influente hipótese sobre a estrutura de Mateus surgiu no início do século passado por B.W. Bacon²⁰. A sua proposta é conhecida como teoria do Pentateuco. Ele fez uma relação entre o Evangelho e a Torah mosaica. Assim como o Pentateuco é composto por cinco livros²¹, contendo material narrativo e discursivo, de igual modo Bacon fez uma aproximação com o Evangelho de Mateus²². Ele notou uma alternância por cinco vezes entre as narrativas (N) e os discursos (D), mediada por uma fórmula estereotipada em 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1, entre os quintuplos discursos, provocando uma importante cesura no texto. Esta fórmula tem uma função de conclusão do discurso.

Assim, os discursos não são desconexos e nem rompem o tecido narrativo, mas, interligam-se aos relatos provocando o movimento da ação. Cada discurso (representado pela sigla D) é precedido por uma seção introdutória na narrativa (representada pela sigla N). No total, este padrão (N + D) ocorre cinco vezes, em que o primeiro começa em 3,1 e o último tem o seu desfecho em 25,46. Além do mais, cada discurso estabelece sua própria unidade literária e ao mesmo tempo evidencia sua linha temática. O que se percebe, principalmente quanto aos aspectos do *Reino dos Céus*, com uma forte progressão perpassando-os sistematicamente.

Os cinco discursos são emoldurados por um preâmbulo (Mt 1-2) e um epílogo (Mt 26-28). Assim a estrutura do Evangelho está essencialmente arranjada

²⁰B.W. BACON, *The Five Books of Matthew Against the Jews*, in *The Expositor* VII, 85 (1918), pp. 56-66.

²¹Era prática comum na literatura judaica a tendência em arranjar materiais escriturísticos agrupados em número de cinco: como é o caso do Pentateuco; os cinco livros de Salmos; cinco divisões nos Megillot, como também no Pirké Abot.

²²ENSLIN, M., *The Five Books of Matthew: Bacon on the Gospel of Matthew*, in *The Harvard Theological Review*, p. 68; Para Morton S. Enslin o redator mateano estava preocupado não só com o cinco grandes discursos, mas com as narrativas que levaram a eles e do modo como forneceram suas configurações históricas, precisamente à maneira dos sucessivos códigos do Pentateuco.

em cinco grandes blocos, tendo os acontecimentos históricos, através das narrativas, concatenados em torno dessas grandes seções²³

Prólogo 1,1-2,23

Narrativa 3,1-4,25

Primeiro discurso 5,1-7,27 Sermão da Montanha²⁴

Fórmula 7,28-29 “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras...”

Narrativa 8,1-10,1

Segundo discurso 10,5-42 Missão instrução²⁵

Fórmula 11,1 “Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos...”

Narrativa 11,2-12,50

Terceiro discurso 13,1-52 Parábolas “Reino dos Céus”²⁶

Fórmula 13,53 “Tendo Jesus proferido estas parábolas...”

²³Essa estrutura é usada pela Bíblia de Jerusalém: Cada livro tem, assim, uma parte narrativa e um discurso: 1ª parte: relatos da infância - Mt 1-2; 2ª parte (**primeiro livro**): Justiça do Reino de Deus 3-7. Narra o início da missão de Jesus na Galiléia, a chegada do Reino. Consta do Sermão da Montanha e das condições para participar do Reino. 3ª parte (**segundo livro**): Uma justiça que liberta os pobres 8-10 - Narra sobre chamado de Jesus, os primeiros vocacionados do Reino e o discurso missionário de Jesus. 4ª parte (**terceiro livro**): Uma justiça que provoca conflitos 11,1-13,52 - Apresenta os segredos e os conflitos do Reino, a aceitação e a rejeição. Narra as maravilhosas parábolas de Jesus. 5ª parte (**quarto livro**): O novo povo de Deus 13,53-18,35 - Trata da organização do Reino: o novo Povo de Deus. Fala da preparação dos discípulos e trás o discurso sobre a Igreja: comunidade dos seguidores que vivem a proposta do Reino. 6ª parte (**quinto livro**): A vinda definitiva do Reino 19-25 - Narra a consumação do Reino, Jesus em Jerusalém e o confronto com os judeus. 7ª parte: relatos da paixão-ressurreição 26-28.

MAZZAROLO, I., *Evangelho de São Mateus*. p. 7. Mazzarolo também propõe essa estrutura com dois conjuntos temáticos, os cinco discursos e as cinco seções narrativas:

1. Os cinco grandes discursos: a) O sermão da Montanha 5-7; b) as instruções aos missionários 10; c) O discurso das parábolas 13; d) Instruções sobre a moral social 18; e) O discurso escatológico – juízo final 24-25.
2. As cinco seções narrativas: a) o anúncio da proximidade do Reino 3-4; b) Os dez milagres de manifestação do Messias 8-9; c) A doutrina do reinado de Deus e o julgamento das tradições 11-12; d) ensinamentos diversos sobre o modo de conduta e as opções morais 13,53-17,27; e) releitura dos ensinamentos dos antepassados sobre ritos e práticas religiosas com a dimensão da justiça e da misericórdia 19-23, preparando o discurso final de 24-25.

²⁴Trata da proclamação de Jesus acerca do Reino dos Céus com todas suas prerrogativas.

²⁵A extensão indicativa do Reino dos Céus numa perspectiva missionária.

²⁶O discurso em linguagem parabólica, tratando exclusivamente da natureza do Reino dos Céus.

Narrativa	13,54-17,27	
Quarto discurso	18,1-35	Práticas comunitárias²⁷
Fórmula	19,1	“...concluindo Jesus estas palavras...”
Narrativa	19,2-22,46	
Quinto discurso	23,1-25,46	Discurso escatológico²⁸
Fórmula	26,1	“Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...”
Epílogo	26,3-28,20	

Diversas críticas à proposta da estrutura de B. W. Bacon tem surgido, já que essa hipótese não consegue solucionar por completo toda complexidade estrutural do Evangelho de Mateus. Um exemplo da limitação dessa proposta é o prólogo que se restringe somente a genealogia, e principalmente o epílogo (26-28) que é incontestavelmente o ponto culminante do drama da história mateana sobre Jesus. Contudo, Bacon classifica-os como prólogo e epílogo, deixando-os de fora dos cinco livros (discursos) ou das narrativas, que compõem a sua estrutura do Evangelho. Além disso, soma-se o fato de que a colocação inicial para cada fórmula no fim dos discursos, não corresponde exatamente o lugar que se esperaria²⁹.

As diferenças rigorosas observadas entre N e D apresentam-se mecanicamente elaboradas para justificar a hipótese. Para tanto, basta uma análise superficial nos textos de Mt 1-2 e 26-28, já que se tratam conforme a proposta de Bacon, de um prólogo e um epílogo respectivamente, para se verificar a plasticidade de tal formulação. Já que esvazia de forma nítida a importância de ambas narrativas. Aliás, esse gênero narrativo é explícito na sua importância para Mateus. Assim, é indiscutível que tais textos seguem na mesma perspectiva que as demais narrativas (N). Em última análise, considerando a diferença entre N e D, não resta dúvida que os textos em 1-2 e 26-28, podem e devem ser categorizados

²⁷Trata da comunidade mateana que assume o Reino dos Céus, se define como discurso eclesiológico.

²⁸Os elementos escatológicos evidenciam esse discurso. É um convite para o Reino dos Céus.

²⁹KEEGAN, T.J., *Introductory Formulae for Matthean Discourses*, in CBQ 44 (1982), pp. 415-430.

sob o gênero narrativo (N). A hipótese de Bacon deixa a desejar por fazer essa distinção, já que a alternância entre N e D, não é característica dos textos de 3,1 até 25,46 apenas, mas isso se evidencia na constituição de todo livro³⁰.

A simples observação da coerência interna da narrativa e do discurso que compõem cada “*livro-discurso*” não é tão clara e efetiva como supõe Bacon. A fórmula estereotipada, que é um elemento importante da hipótese estrutural de Bacon, na realidade ela conclui uma coleção de ditos e não um discurso, incluindo também a narrativa³¹. Além do mais, essa divisão de cada “*livro*” somado ao discurso distribuído em narrativa, tendo a fórmula como elemento essencial, mostra que a fórmula estereotipada não é necessariamente conclusiva para a seção anterior, porém muito pelo contrário, ela introduz a seção seguinte, ou seja, não é uma fórmula final, mas uma fórmula que provoca a mudança, concatenando a articulação redacional do Evangelho.

No entanto, a proposta de Bacon é muito importante em muitos aspectos, como os cinco discursos, mesmo que se tenham dificuldades quanto à delimitação exata; a fórmula estereotipada, que no caso não seria conclusiva, mas sim de transição.

2.4.1.1.

A parábola dos vinhateiros na estrutura dos cinco discursos

A parábola dos vinhateiros homicidas (21,33-46) faz parte da narrativa proposta por Bacon (19,2 - 22,46), entre o quarto e o quinto discurso. A fórmula encontrada em 19,1 “...concluindo *Jesus estas palavras...*” introduz essa última etapa. O relato em si tem seu início no discurso eclesial do capítulo 18. Trata-se da ruptura com o judaísmo (18,1-22,46). A partir de 19,1 o cenário se desloca para Jerusalém e o fim da história de Jesus narrada por Mateus tem aqui o seu início.

Nesse deslocamento, se percebe a tímida presença dos adversários e até mesmo da multidão contrapondo-se aos relatos anteriores. Desta forma, os

³⁰Recentemente D. O. Via novamente chamou a atenção para duas das estruturas mais óbvias presentes em Mateus: a conhecida fórmula de cinco vezes (7,28; 11,1; 13,53; 19,1 e 26,1), e a repetição da frase em 4,17.

³¹DAVIES, W. D., *The Setting of the Sermon on the Mount*. Cambridge: Cambridge University, 1964, pp. 14-25.

capítulos 19³² e 20³³ manifestam a instrução devotada para os discípulos quanto ao *Reino de Deus*. O que muda consideravelmente depois da entrada em Jerusalém, com a expulsão dos vendilhões do Templo (21,1-22).

Os relatos que antecedem o quinto discurso são significativos (21,1-22,46), pois tratam de uma série de confrontos com as autoridades judaicas. O posicionamento da parábola dos vinhateiros nessa etapa da narrativa é estratégico. Ela faz parte de uma seção homogênea articulada por mais duas parábolas: a que antecede – a parábola dos dois filhos (21,28-32) e a que segue – o banquete nupcial (22,1-14). Essa seção retrata o ministério de Jesus em Jerusalém, apontado por Mateus por um intenso conflito com as principais autoridades judaicas³⁴. É a última etapa narrativa de Mateus, que revela, a partir desse momento, uma mudança importante para o desfecho da missão de Jesus. Mateus usa a parábola dos vinhateiros como parte essencial nessa etapa da narrativa. Quanto à estrutura ela se encontra praticamente centrada na última etapa narrativa. Isso mostra a importância da cláusula 21,43 sob o aspecto estrutural, quanto a sua posição, mas, principalmente para o sentido jurídico em relação à macroestrutura de Mateus. O que é muito relevante para o objeto dessa pesquisa. Portanto, essa seção antecede o próximo e último discurso, que é o discurso escatológico (23,1-25,46).

A estrutura proposta por Bacon mostra uma alternância significativa entre a narrativa e o discurso. Surpreende o fato que cada narrativa introduz um tema que será desenvolvido cabalmente no discurso seguinte, ou seja, cada discurso apresenta um plano temático e uma unidade literária bem delimitada. Mateus insere após os quatro primeiros, a observação: “(E) aconteceu que ao terminar Jesus estas palavras...” basta conferir em 7,28; 11,1; 13,53 e 19,1. Já após o quinto discurso ele fecha de forma conclusiva relacionando esse aos demais discursos: “Quando Jesus terminou todas estas palavras...” (26,1).

Essas frases propõem uma forma conclusiva aos discursos, contudo elas indicam, também, uma função de transição para o material narrativo que as sucedem. Além do mais, os discursos apresentam inúmeros elementos do Reino

³²Mateus 19,3-12 e 19,16,22 tratam da Lei. O que é muito importante para Mateus, tanto a compreensão quanto a aplicação. Ele desenvolve esses elementos para diferenciar a sua comunidade da dos judeus; pelo cumprimento da lei.

³³O Reino de Deus é apresentado na parábola dos trabalhadores na vinha (20,1-16) com o objetivo de indicar a posição e o lugar no Reino. A perícopes seguinte dá continuidade ao tema sobre posição e hierarquia (20,17-28).

dos céus com um claro desenvolvimento temático entre eles³⁵; no caso da parábola dos vinhateiros homicidas (21,33-46), esse Reino deixa de ser definitivamente exclusividade do judaísmo, assim a parábola tematiza, em forma jurídica (v.43) a esterilidade pela deficiência na produção dos frutos esperados.

2.4.2.

A estrutura do Evangelho de Mateus em forma de quiasmo

A partir de C. Lohr³⁶, H. B. Green³⁷ e o artigo de H. J. B. Combrink³⁸ “*The Macrostructure of the Gospel of Matthew*” surge uma proposta, que tem como enfoque principal as formas de quiasmo.

Na mesma linha de Bacon, se percebem a funcionalidade elaborada por Mateus no desenvolvimento da sua obra. No entanto, argumenta-se a favor de uma ordenação concêntrica com o discurso parabólico (13,1-52) como o centro de todo o livro.

O conteúdo e a definição dos capítulos 23 e 24-25 são significativamente diferentes. Sugerem então, não cinco, mas seis discursos³⁹. O. Lamar Cope fez uma comparação do início dos seis discursos (5,1; 10,1; 13,1; 18,1; 23,1 e 24,1), e observou um paralelismo entre 5,1-2 e 13,1-3a em que ambos, Jesus está sentado

³⁴ROBINSON, J. A. T., *The Parable of the Wicked Husbandmen: A Test of Synoptic Relationships*, p. 444.

³⁵SMITH, C.R., *Literary Evidence of a Fivefold Structure in the Gospel of Matthew*, in NTS 43 (1997), pp. 540-551.

³⁶LOHR, C., *Oral Techniques in the Gospel of Matthew*, in CBQ 23 (1961), pp. 403-435.

³⁷GREEN, H.B., *The Structure of St Matthew's Gospel*, in Studia Evangelica IV (ed. F. L. Cross, Berlin: Akademie, 1968), pp. 47-59.

³⁸COMBRINK, H.J.B., *The Macrostructure of the Gospel of Matthew*, in Neot 16 (1982), pp. 1-90.

³⁹O. Lamar Cope também percebe seis e não cinco discursos na composição da estrutura de Mateus, COPE, O. L., *Matthew: um A Scribe Trained for the Kingdom of Heaven* (CBQMS 5; Washington: Catholic Biblical Association, 1976), p. 15. BARR, D., *The Drama of Matthew's Gospel*, in TD 24 (1976), p.351. David Barr observou no início dos discursos (5,1; 10,1; 13,1; 18,1; 23,1 e 24,1) a alternância entre ὄχλους (multidões) com a frase: αὐτοῦ προσήλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ (aproximaram-se os seus discípulos). Barr notou o uso distinto de προσέρχομαι (5,1; 18,1; 24,1), muitas vezes referindo-se a ela como uma fórmula estereotipada, quando utilizado em conjunto com οἱ μαθηταὶ (5,1; 23,1 e 24,1) ou com λαλέω (24,1) ou com ambos. THOMPSON, W.G., *Reflections on the Composition of Mt 8:1-9:34* in CBQ 33, n.18 (1971), p. 371. Para Thompson Mateus só usa esse padrão estilístico προσέρχομαι para descrever uma multidão no início de um novo episódio.

BORNKAMM, G., *End Expectation and Church in Matthew*, Tradition and interpretation in Matthew (Philadelphia: Westminster, 1963), p. 21. Para Borkamm a frase estereotipada προσέρχομαι e οἱ μαθηταὶ aparece no início de cinco ocorrências (5,1, 13,10, 36; 18,1 e 24,1).

em um lugar com a multidão. Em 5,1-2, como também em 23,1, tanto as multidões e os discípulos estão reunidos, enquanto em 10,1; 18,1, e 24,1 apenas os discípulos são abordados pelo Mestre.

A alternância entre a narrativa (N) e o discurso (D), conforme enfatizado por Bacon pode ser estabelecido para gerar um esquema de quiasmo, que perpassa todo o Evangelho.

Fórmulas repetidas na narrativa mateana também são analisadas como possibilidade de se resolver questionamentos estruturais do Evangelho.

Assim, a estrutura proposta por C. H. Lohr ficaria da seguinte forma⁴⁰:

1-4	Nascimento-preparação	(N) ⁴¹
5-7	Sermão da Montanha	(D)
8-9	Autoridade-missão salvadora	(N)
10	Discurso missionário	(D)
11-12	Rejeição-reino escondido	
(N)		
13	Parábolas do Reino	
(D)		
14-17	Reconhecimento-discípulos	
(N)		
18	Discurso da comunidade	(D)
19-22	Oposição	(N)
23-5	Discurso escatológico	(D)
26-8	Paixão-morte-ressurreição	(N)

As diferentes técnicas de repetição talvez seja uma das características mais marcantes da narrativa mateana. O padrão repetitivo de cinco discursos de Jesus alternando com seções narrativas estabelece uma padrão simétrico para todo o Evangelho. No entanto, apesar de vários biblistas analisarem um padrão inteiramente simétrico ou concêntrico na estrutura de Mateus, não há uma concordância quanto ao ponto central desse padrão simétrico. Para H. B. Green⁴²

⁴⁰LOHR, C., *Oral Techniques in the Gospel of Matthew*, pp. 427-430.

⁴¹N: narrativa; D: discurso

⁴²GREEN, H. B., *The Structure of St Matthew's Gospel*, in F. L. Cross (ed.), *Studia Evangelica*, IV

o elemento aglutinador dessa simetria na estrutura de todo o Evangelho é justamente o capítulo 11, seria o ponto central do padrão simétrico. P. F. Ellis⁴³, não percebe assim, ele entende que o elemento aglutinador da estrutura concêntrica é o capítulo 13, com os seus discursos e outras seções narrativas organizados de forma simétrica em torno dele.

J. D. Kingsbury⁴⁴ na sua análise da estrutura do Evangelho percebe a presença da frase: “*Dai por diante, passou Jesus a pregar e a dizer...*” (‘Από τότε ἤρξατο...) tanto em 4,17 como em 16,21. Ele considera a fórmula (‘Από τότε ἤρξατο...) crucial para as grandes linhas do Evangelho⁴⁵, de forma temática, bem como destaca alguns importantes pontos de viragem na história, indicando novas fases importantes no ministério de Jesus⁴⁶. Essa frase repetida em 4,17 e 16,21 é para ele a chave para desvendar o plano estrutural de Mateus⁴⁷. Em 4,17, o narrador declara “‘Από τότε ἤρξατο...”, e em 16,21 ele repete, a parte inicial do verso, porém acrescenta: “... *começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer ..., ser morto e ressuscitado no terceiro dia*”.

Kingsbury reconhece a importância desses versos para a estrutura do Evangelho de Mateus, na medida em que contêm uma “*fórmula peculiar de Mateus*”⁴⁸. É bem verdade que os versos têm de fato um significado inequívoco a partir de uma perspectiva literária, já que eles servem como indicadores para o fluxo narrativo. Além do mais eles indicam para o leitor as importantes e decisivas articulações no desenvolvimento da trama narrativa do Evangelho.

Kingsbury propõe uma estrutura com uma divisão tripartida⁴⁹:

1. 1,1-4,16 – Identifica a pessoa de Jesus como Messias
2. 4,17-16,20 – Identifica a personalidade e a proclamação do Messias

Parte I. pp. 47-59.

⁴³ELLIS, P. F., *Matthew: His Mind and His Message* (Collegeville: Liturgical, 1974), p. 12.

⁴⁴KINGSBURY, J. D., *Matthew as Story*. Philadelphia: Fortress, 1986, pp. 38-41.

⁴⁵Id., *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*. p. 8.

⁴⁶A proposta de Kingsbury com base nas duas frases (4,17 e 16,21) como marcação para o desenvolvimento redacional na história mateana, é uma tentativa para explicar toda a complexidade da estrutura do Evangelho.

⁴⁷KINGSBURY, J. D., *Matthew as Story*, p. 3. Embora Kingsbury exponha sua hipótese a partir das questões como sequências temporais e de causalidade, sua descrição da trama de Mateus deriva em grande parte de outro aspecto da crítica literária, o conflito de análise: “*O elemento de conflito é central para o enredo do Evangelho de Mateus*”.

⁴⁸KINGSBURY, J. D., *Matthew as Story*, p. 40.

⁴⁹Id., *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*. p. 9.

3. 16,21-28,20 – Identifica o sofrimento, morte e ressurreição do Messias

Desta forma, 4,17 e 16,21 são como pontos elementares que provocam uma divisão em três seções na redação mateana. A primeira aparece nas três passagens: 4,23-25; 9,35 e 11,1. Já 16,21 sinaliza as duas outras predições da paixão de Jesus em 17,22-23 e 20,17-19. Essa interpretação do Evangelho é de caráter cristológico. Ele reconhece que, dado o desenvolvimento do conflito ao longo da narrativa, surgem diversas cadeias de correlação de eventos, como uma apresentação de três “*linhas da história*”: a história de Jesus, a história religiosa dos líderes de Israel e a história dos discípulos.

É a linha da história de Jesus que mais influencia a estrutura e a forma da narrativa como um todo⁵⁰. Para provar a unidade interna nas duas seções 4,17-16,20 e 16,21-28,20 é demonstrada a presença de três resumos principais: 17,22-23; 20,17-19 e 26,2⁵¹. No entanto o resumo da terceira predição em 26,2 é breve quando se compara com o resumo da primeira em 11,1.

A hipótese de J. D. Kingsbury é comprovar a estrutura quiástica de Mateus a partir das duas frases idênticas em 4,17 e 16,21, acrescentando as formas quase idênticas em dois pares: na tentação em 4,10/16,23 e na voz vinda dos céus em 3,17/17,5b.

A estrutura quiástica ficaria do seguinte modo:

- (A) Elias é identificado: o precursor do Messias (3,4)
 (B) Inere a voz: “...*eis uma voz dos céus...*” (3,17)
 (C) Faz-se uma alusão literária para Moisés e Elias: “*E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome*” (4,2)
 (D) Há uma rejeição da tentação (4,10a) e em 4,17 segue-se a narrativa onde é inserido o movimento com a fórmula de início: “ *Ἀπὸ τότε ἤρξατο...*”. Essa ordem será revertida após 16,21
 (D’) Há uma rejeição da tentação (16,23)
 (C’) Moisés e Elias aparecem (17,3)
 (B’) Inere a voz: “...*uma voz que dizia...*” (17,5)
 (A’) Elias é identificado (17,10-13)

⁵⁰KINGSBURY, J. D., *Matthew as Story*, pp. 115-129.

⁵¹Ibid., pp. 23-24.

A seção narrativa de Mateus 3-4, antecedendo o primeiro grande discurso (5-7), introduz o mistério de Jesus e, em contra partida, é conclusivo para as narrativas do prólogo. Kingsbury faz um paralelo com os elementos dessa seção com os episódios que se deram em torno da confissão de Pedro em Cesárea (16,13-17,27).

De maneira precisa, apresenta a fórmula compartilhada pelas duas seções. É bem verdade, que nas duas vezes, a fórmula (*Ἀπὸ τότε ἤρξατο...*) insere um importante ensinamento de Jesus. Primeiro, ocorre depois das tentações, “...passou Jesus a pregar e a dizer... está próximo o reino dos céus” (4,17) e, após a confissão de Pedro a segunda tentação (16,21).

Contudo, nas duas seções, há também uma importante revelação, primeiro no batismo, a voz celeste testemunha a filiação de Jesus; segundo em Cesárea, são os discípulos que, pela boca de Pedro, o confessam como o Messias, Filho de Deus. É interessante perceber que nos dois casos da tentação, primeiro por Satanás e depois por Pedro, a resposta apresentada é exatamente a mesma (*ὕπαγε, σατανᾶ*).

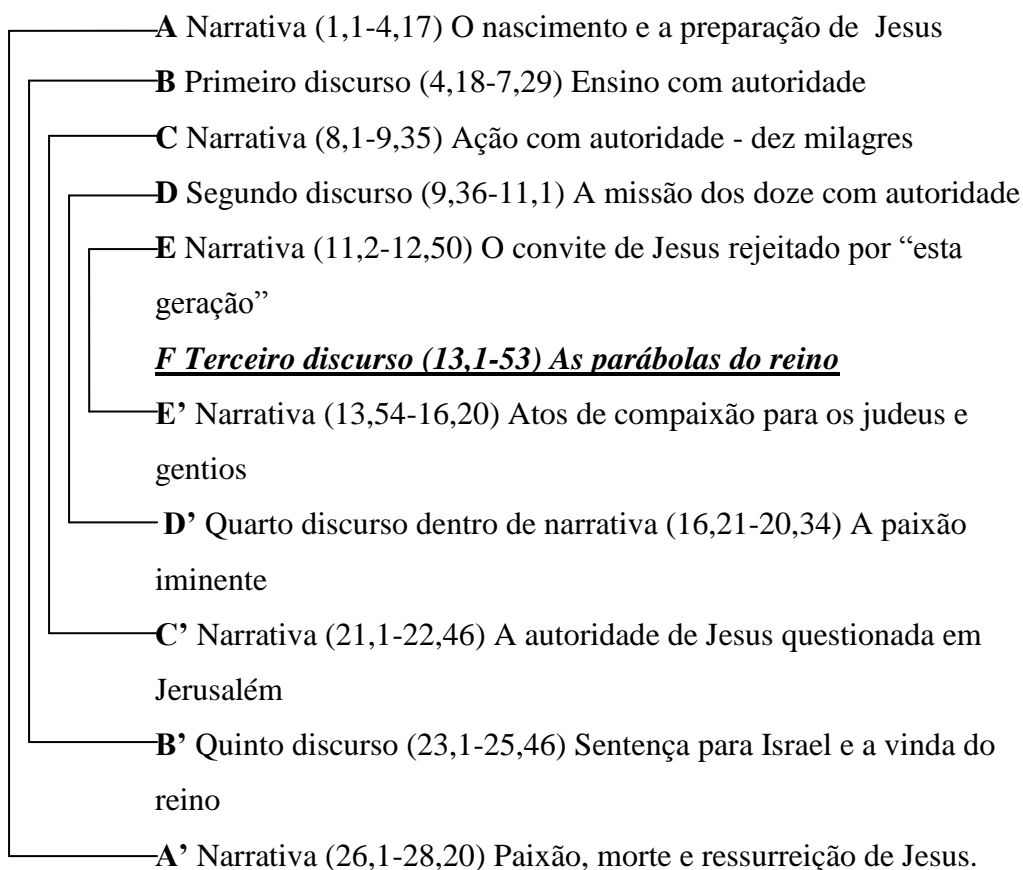
A estrutura quiástica de Kingsbury tem como finalidade fundamentar o messianismo de Jesus a partir desses elementos. Fica claro também, que este padrão é característico de Mateus. Não há correlatos em Marcos nem em Lucas⁵².

Ao contrário de Mateus 17,10-13, onde o precursor do Messias é identificado como João Batista, Marcos não o identifica como tal. Por sua vez, Lucas não tem paralelos com Mateus em 3,4/17,10-13 e 4,10/16,23.

Contudo, a proposta de Kingsbury de uma estrutura na forma de quiasmos para todo o Evangelho de Mateus precisaria de uma demonstração mais eficiente.

⁵²Na análise de B. R. Doyle se percebe uma estrutura básica com um princípio organizado a partir de uma perspectiva eclesial. Característica essa peculiar somente a Mateus em detrimento de Marcos e Lucas. Na formulação dessa perspectiva o que acontece aos discípulos acontece também, na mesma proporção, aos membros da comunidade mateana. D. O'Connor e J. Jimenez apresentam uma hipótese idêntica, a partir de um princípio organizado que perpassa todo Evangelho, no entanto analisam os textos que denotam as metáforas na relação pai-filho, conforme a metáfora encontrada em 1,1-12,50, que são desenvolvidas em 13,1-27,66 e transcendem em 28,1-20. DOYLE, B. R., *Matthew's Intention as Discerned by His Structure*, in RB 95 (1988), pp. 34-54. O'CONNOR, D. e JIMENEZ, J., *The Images of Jesus: Exploring the Metaphor in Matthew's Gospel*. Minneapolis: Winston, 1977, p. 13. (1) Pai e Filho: institui a metáfora (1,1-12,50); (2) Pai e Filho: explorando a metáfora (13,1 – 27,66) e (3) o Pai e o Filho: transcendem a metáfora (28,1-20)

A **parábola dos vinhateiros homicidas** (21,33-46), nessa estrutura, faz parte da segunda seção de Mateus **16,21-28,20**, onde Kingsbury identifica o sofrimento, morte e ressurreição do Messias. A partir de outros indicadores textuais (por exemplo, as três previsões da paixão de Cristo), o padrão concêntrico pode ser modificado para incluir o capítulo 18 (quarto discurso) em uma seção 16,21-20,34. O significado da fórmula repetidas em 4,17 e 16,21 também leva a aceitar uma seção principal, que tem a sua unidade a partir de 4,18. A composição simétrica de Mateus pode ser diagramada da seguinte forma:



Relatos contidos em B (4,18-7,29) e C (8,1-9,35) podem ser precisamente coligados pela presença repetida de 4,23 em 9,35: “*Percorria Jesus... pregando o Evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo*”. Já os relatos contidos na seção C' (21,1-22,46) e B' (23,1-25,46) mostram os confrontos de Jesus em Jerusalém antes de sua paixão e morte, onde as temáticas evidenciadas são a questão da autoridade, tendo como resposta as três parábolas em 21,28-22,14, em que **21,43** é extremamente decisivo sob o aspecto de juízo, aliadas ao conjunto seguinte de julgamento. A seção 21,1-22,46 é

formada por uma série de oito diálogos, começando com os adversários de Jesus, questionando a sua ἐξουσία (21,23-27) e terminando com Jesus questionando seus oponentes (22,41-46)⁵³.

Mateus 21,43 introduz essa série de juízos para mostrar programaticamente certo universalismo manifestado pela composição da comunidade mateana. Trata-se do novo “ἔθνος”. Um novo povo de Deus acessível a todas as nações que produzirá os seus frutos (21,43).

É proclamado solenemente em 28,16-20. A βασιλεία τοῦ θεοῦ passa a ser prerrogativa desse novo ἔθνος. Todo o Evangelho manifesta acentuadamente esse importante tema. Desde 1,1 Mateus faz uma ligação direta entre Jesus e Abraão, sendo que no episódio dos reis magos (2,1-12) evidencia a presença pagã com sua forte inclusão. Nesse mesmo ritmo, a seção C (8,1-9,35), mas precisamente em 8,10-12 não fica de fora já que coloca no mesmo patamar a sorte dos filhos do reino com os estrangeiros. A seção D (9,36-11,1) da missão empreendida alcança de forma indiscriminada os gentios em 10,18. A evidência final extrapola os limites palestinos, já que a ordem de anúncio do Evangelho é para todo o mundo, isso está bem característico em 24,14 (...πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν...) na seção B’ (23,1-25,46), onde a sentença para Israel e a vinda do reino tematizam de maneira uniforme. O mesmo se verifica na parte conclusiva do Evangelho na seção C’ (26,1-28,20) que trata respectivamente da paixão, morte e ressurreição de Jesus, que em seguida sinaliza a ordem imperativa (πορευθέντες) em 28,19 (...πάντα τὰ ἔθνη...).

A estrutura proposta destaca a seção F (13,1-53) como o centro agregador de todo tecido narrativo do Evangelho. Assim, as parábolas do Reino tornam-se o ponto central. A seção F intercala E (11,2-12,50) e E’ (13,54-16,20), formando a maior seção (E – F – E’). Nesta seção há um embate polêmico de Jesus contra “...uma geração má e adúltera...”. Na realidade essa rejeição se repete ao longo da seção (12,39.41.45); que é seguido imediatamente pelas parábolas (F).

No material narrativo de E’ (13,54-16,20), que trata dos atos de compaixão tanto para os judeus como para os gentios é, então, confessado Jesus como Messias e Filho de Deus. O conflito perpassa esses textos de forma acirrada em

⁵³Os diálogos na seção 21,1-22,46: 21,23-26; 28-32; 33-46; 22,1-14; 15-22; 23-33; 34-40; 41-46.

14,1-12; 15,1-20 e 16,1-4. A consequência natural se verifica pela oposição aliada à incredulidade que toma uma postura mais ríspida.

O padrão simétrico, além disso, enfatiza a correspondência entre o prólogo e o epílogo do Evangelho, respectivamente em A (1,1-4,17) e A' (26,1-28,20) entre os vários discursos (B – B'; D – D'), não ficando de fora as várias seções narrativas (C – C'; E – E'), compondo assim a diagramação simétrica de todo o Evangelho de Mateus.

2.4.3.

Avaliação da relevância das investigações para a perspectiva jurídica de 21,43 na estrutura do Evangelho de Mateus

Nosso objetivo foi traçar a diversidade e a falta de consenso no debate atual, a fim de posicionarmos a parábola dos vinhateiros homicidas numa estrutura mais coerente. Das opções apresentadas, **os cinco discursos** são características importantes na estrutura do Evangelho de Mateus, contudo por si só não consegue ser um modelo estrutural que se enquadre perfeitamente. Contudo, diante das propostas, o modelo estrutural dos cinco discursos é o de maior relevância para a avaliação da nossa hipótese principal. Pelas seguintes razões:

Em primeiro lugar, a estrutura dos cinco discursos possui uma conexão bem encadeada na temática mateana. Além dos discursos não serem desconexos, também se mostram estruturalmente homogêneos, pois não rompe em nenhum momento o tecido narrativo. Muito pelo contrário, interligam-se perfeitamente aos relatos. Cada discurso constitui sua própria unidade literária e ao mesmo tempo comprova sua linha temática. Estão arrumados em cinco grandes blocos, intercalados pelas narrativas.

Em segundo lugar é significativo para essa pesquisa a apresentação de uma estrutura coerente e bem definida. Isso se dá pelo simples fato da relevância do aspecto jurídico na estrutura, que será apontado a seguir. Mateus aplica nos discursos, um horizonte temático, articulando efetivamente o desenvolvimento de sua teologia.

Por último, para uma análise da perspectiva jurídica na literatura mateana, a partir da análise dos elementos constitutivos da sentença de Mateus 21,43, identificarei tal sentença como uma possível chave de leitura tanto para a estrutura como para a teologia mateana.

A nossa análise conclusiva para a estrutura de Mateus aponta para a disposição de textos de juízos que acreditamos que eles desempenham um papel muito importante para a estrutura do Evangelho de Mateus, são eles: 7,15-23. 24-27; 10,40-42; 13,47-50; 18,23-35; 23,37-39 e 25,31-46.

O que é mais significativo é que todos esses textos finalizam os cinco discursos propostos por B.W. Bacon, com a alternância por cinco vezes entre as narrativas e os discursos, mediados por uma fórmula estereotipada em 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1, entre os quintuplos discursos, provocando uma importante cesura no texto. De tal modo, que os nossos textos de categorias jurídicas sob o tema de julgamento tornam-se indicadores importantes para a análise estrutural de Mateus, aliados a proposta de Bacon, completando-se com claros anúncios de juízo para a comunidade mateana.

Assim, no final do primeiro discurso em 5,1-7,27 (sermão da montanha) temos um duplo texto de julgamento: 7,15-23. 24-27, seguido de uma fórmula estereotipada conclusiva do discurso 7,28. É importante observar que alguns dos elementos constitutivos da sentença jurídica em 21,43 também estão presentes aqui.

O final do segundo discurso 10,5-42 (missão e instrução) apresenta, de igual modo, um texto de juízo e recompensa (10,40-42), também seguido pela fórmula estereotipada em 11,1. É bem verdade, que o tema de juízo e de recompensa é reiterado em outras perícopes dentro dos discursos e também em outros lugares do Evangelho.

O terceiro discurso em 13,1-52 que trata das parábolas do Reino dos Céus tem no seu desfecho também uma forma de julgamento (13,47-50). A fórmula conclusiva aparece em 13,53.

Já no quarto discurso que trata das práticas comunitárias em 18,1-35, o tema de juízo está presente na parábola do credor incompassivo (18,23-35). 19,1 é a fórmula conclusiva do discurso, mas também tem a função de transicionar do discurso para a narrativa.

O mesmo acontece no último discurso de Mateus (23,1-25,46) que trata do tema escatológico, apresentando um duplo texto de julgamento em 23,37-39 e 25,31-46 (essa particularidade de um duplo texto de categoria jurídica é apresentada tanto no primeiro como no último discurso). A fórmula estereotipada com a conclusão e a função de transição para a narrativa aparece logo em seguida em 26,1.

Essas características peculiares apontam para a aplicação da mensagem de julgamento encadeando a problemática da Lei e da justiça. Assim sendo, a força da βασιλεία futura, de acordo com 21,43, resulta da associação desses e de outros elementos.

Contudo, podemos assinalar que todas essas observações estruturais na proposta de Bacon, contribuem significativamente para uma análise da perspectiva jurídica na literatura mateana, tornando-se possível a partir da análise da estrutura e dos elementos constitutivos de Mt 21,43.

2.5.

Aspectos estruturais no contexto próximo da parábola dos vinhateiros (21,33-46)

A seção que retrata uma série de controvérsias⁵⁴ com um cenário de conflito que é o último grande ajuste de contas de Jesus com a principal liderança de Israel, tem a parábola dos vinhateiros arranjada com mais duas parábolas: a parábola do dois filhos (21,28-32) e o banquete nupcial (22,1-14).

A partir de Mt 19,1, “concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão”. Essa mudança geográfica é definitiva, trata-se de uma nova e derradeira etapa na missão de Jesus: a caminhada para Jerusalém. Jesus se retira da Galiléia definitivamente e chega enfim à região da Judéia⁵⁵, tendo Jericó como o último lugar de passagem, antes da chegada em Jerusalém⁵⁶. O destino da viagem é atingido em 21,1-17⁵⁷. A presença dos verbos ἐγγίζω em 21,1; εἰσελθόντος em 21,10; εἰσέρχομαι em 21,12 e ἐξέρχομαι em 21,17 mostram o movimento contínuo elaborado por Mateus na etapa inicial da missão de Jesus em Jerusalém, preparando o cenário para os confrontos decisivos⁵⁸. 21,18-22 demonstra um juízo sobre o templo e seus líderes, denotando uma cena estranha mas importante quanto ao aspecto da acusação jurídica percebida mais claramente em 21,43⁵⁹.

A grande seção 21-25⁶⁰ tem uma forma estilizada por Mateus com o claro objetivo de manifestar a inevitável tensão que Jesus sofreu no embate acirrado

⁵⁴Essas controvérsias se comparam com 12,1-16,20.

⁵⁵Os locais topográficos em 21,1-17 expressados especificamente pelo Monte das Oliveiras, Templo e Betânia surgem de forma inédita na narrativa até esse momento, contudo mostram a introdução de um novo cenário que será explorado nas passagens subseqüentes.

⁵⁶MAZZAROLO, I., *Evangelho de São Mateus*. p. 280.

⁵⁷Nos nove primeiros versos Jesus se encontra no Monte das Oliveiras, nos arredores de Jerusalém; já em 21,10 mostra a entrada na cidade; em 21,12, ele entra no templo e em 21,17 ele sai da cidade em direção à Betânia.

⁵⁸A estreita ligação com a seção anterior é visível pela transição natural da narrativa, mas também pela clara indicação na formulação de Jesus como *Filho de David*, tanto em 20,30-31 (υἱὸς Δαυίδ.), bem como em 21,9 (ὡσαννὰ τῷ υἱῷ Δαυίδ.).

⁵⁹Esta série de controvérsia entre Jesus e seus adversários, se introduz com a breve passagem da maldição da figueira na primeira hora da manhã, quando Jesus e seus discípulos sobem novamente para o Templo (21,18-22). A ação, provavelmente prefigura a queda de Jerusalém e a inevitável destruição do Templo em 70 d.C., além de mostrar a improdutividade de Israel.

⁶⁰A estrutura do contexto próximo da parábola dos vinhateiros homicidas, a partir da chegada de Jesus à Jerusalém e também na seqüência de suas atividades na cidade nos textos subseqüentes, como pano de fundo para as grandes controvérsias (21,18-25,46), ficaria do seguinte modo:

A – 21,18-22 – A figueira seca

B – 21,23-23,39 – Controvérsias com os adversários na área do Templo

C – 24,1-2 – Descritiva da futura destruição do Templo

com as autoridades judaicas⁶¹. Mateus 21,43 indica perfeitamente o caráter jurídico que essa tensão promoveria a partir desse ponto crítico e do efeito inevitável da decisão promulgada, tanto de forma negativa para “*os sacerdotes e fariseus*” (21,45), que perderiam a prerrogativa da βασιλεία, como de forma positiva para o novo ἔθνος, ou seja, a comunidade mateana agora detentora da βασιλεία τοῦ θεοῦ. Essas controvérsias se agrupam de maneira formal, junto as disputas em 21,15-17⁶².23-27 e também em 22,15-46. Somam-se as duas parábolas polêmicas em 21,28-32 e 22,1-14 tendo a parábola dos vinhateiros homicidas ressoando-as de forma temática (21,33-46) com um caráter efetivamente jurídico (21,43) que se desemboca no capítulo 23 que trata da invectivas e ameaças de juízo.

O discurso no Templo (21,23-27) provoca de forma imediata uma espécie de interrogatório jurídico oficial, (21,23): “*Com que autoridade fazes estas coisas?...*” (ἐν ποίᾳ ἐξουσίᾳ ταῦτα ποιεῖς;). A atitude de Jesus em relação ao questionamento de sua autoridade (ἐξουσία) faz com que ele transforme precisamente o interrogatório em controvérsia de estilo rabínico, em que o questionado responde questionando os seus interlocutores.

Esse núcleo oferece ainda indicações sobre como a morte de Jesus está sendo articulada já a partir do tema da disputa entre Jesus e os líderes de Jerusalém. A questão da fonte da autoridade de Jesus é em última análise uma questão de sua identidade (21,25). Mateus 21,28-22,14 faz uma conexão com as desgraças anunciadas em Mateus 23. Sob ataque, os líderes de Jerusalém não se limitam a tomar conselho para destruir Jesus. Contudo, a intenção é ativamente prendê-lo (21,46), criando armadilha (22,15) e traçando com sucesso a realização de sua prisão (26,4.47) e morte (27,2.20.41).

É justamente nessa conjunção de conflito, articulado precisamente com a parábola dos vinhateiros, que Mateus contesta de modo latente a importante

D – 24,3-25,46 – O último grande discurso

⁶¹Jerusalém torna-se palco das ásperas controvérsias tendo no discurso antifarisaico (Mt 23) a transição para o discurso escatológico (Mt 24-25).

⁶²A chegada de Jesus na área do Templo provoca uma série de medidas controversas envolvendo-o em um breve debate com οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ γραμματεῖς, já que eles consideraram as ações oriundas da sua chegada, como θεραπεύω (21,14) e a aclamação messiânica dos παῖδοι: ὡσαννὰ τῷ υἱῷ Δαυὶδ, uma verdadeira e absurda profanação do Templo. Assim é nítido que essa passagem é funcionalmente uma introdução para a decisão cabal de Mt 21,43.

pergunta sobre a autoridade de Jesus em 21,23. A partir desse confronto que Mateus adapta a parábola dos vinhateiros no seu contexto próximo:

A conclusão da parábola dos dois filhos (21,28-32) está concatenada à pergunta de Jesus sobre o batismo de João (21,25) e a parábola do banquete nupcial (22,1-14). A redação de Mateus mostra, através dessa nova série de três parábolas dois importantes temas: a culpa dos principais líderes de Israel e a vocação dos gentios⁶³.

A estrutura da parábola dos dois filhos (21,28-32) que é bastante idêntica a dos vinhateiros menciona também uma vinha, além das características jurídicas implícitas⁶⁴. A pergunta de Jesus para os seus ouvintes em 21,30 é agora de igual modo trabalhado em 21,40. Aliás, o que sinaliza perfeitamente um processo legal sendo estabelecido, com os mesmos artifícios literários que demanda um processo jurídico, conforme em 2 Sm 12,1-14 como em Is 5,1-7. A resposta dos oponentes se dá de forma imediata em 21,31 como em 21,41 introduzida por λέγουσιν. A conclusão é introduzida por λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς em 21,31-32 como em 21,42-44. Em ambos os casos a sentença é promulgada de forma categórica.

Toda essa seção refere-se aos principais dirigentes judeus e é caracterizado pela promulgação da sua inevitável condenação. A parábola dos dois filhos determina seu principal foco no “*não*” a João Batista (21,28-32).

A parábola dos vinhateiros trata da fatalidade dos profetas em Israel e também do destino final do Filho, Jesus (21,33-41). Já em 22,2-14 é observado o envio dos missionários cristãos a Israel, e estende o cenário da missão pagã. Não obstante, na sua introdução em 22,1 o advérbio πάλιν indica efetivamente a interrupção de uma sequência natural iniciada em 21,33a (“Ἀλλην παραβολήν”), indicando que ambas as parábolas são interdependentes.

De maneira mais específica, podemos fazer a seguinte relação. A parábola dos dois filhos indica a indiferença dos destinatários no caminho da βασιλείαν τοῦ θεοῦ (21,31). Enquanto nos vinhateiros, numa leitura mais atenta, dá a entender que os destinatários perdem o privilégio do reino, cf. 21,43: “*será tirado de vós o*

⁶³DILLON, R.J., *Towards a Tradition-History of the Parables of the True Israel (Matthew 21,33-22,14)*, pp. 5-6. De acordo com Dillon, Mateus 21,33 – 22,14 é um complexo único que provavelmente trata-se de uma reconstrução da história do uso destas parábolas na “instrução e reflexão da Igreja mateana e que era originalmente usado em textos separados, mas chegaram a ser associados para o uso da comunidade para a assimilação do livro de Mateus”

⁶⁴Cf., WEREN W. J. C. *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants (Mark 12,1-12; Matthew 21,33-46)*, p. 12.

Reino de Deus...” (ἀρθήσεται ἀφ’ ὑμῶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ) e serão destruídos em 21,41: “*sendo maus, de modo mau os destruirá*” (κακούς κακῶς ἀπολέσει αὐτούς). A parábola do banquete nupcial mostra de maneira surpreendente a inevitável destruição da cidade de Jerusalém (22,7). Por conseguinte, essa seção apresenta, começando com a primeira parábola, uma tímida insinuação aos dirigentes de Israel (21,31s). Já a parábola dos vinhateiros declara nitidamente o futuro de um ἔθνος em 21,43: “*será dado a um povo que produza seus frutos*” (δοθήσεται ἔθνει ποιῶντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς.); enquanto a terceira parábola descreve em aoristo o extraordinário lamento aos pagãos (22,8-10).

Os vocábulos dessa seção são compartilhados pelo redator da seguinte maneira⁶⁵:

- a) Nas três parábolas encontramos (ἄνθρωπος [21,28.33; 22,2]).
- b) Somente na parábola dos dois filhos e nos vinhateiros (ἀμπελών [21,28.33], ὡσαύτως [21,30.36], ὕστερον [21,29.32.37], λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς como introdução ao término da locução [21,31.42], βασιλεία τοῦ θεοῦ [21,31.43]).
- c) Na parábola dos dois filhos e no banquete nupcial (οὐ θέλω [21,29; 22,3] μεταμέλομαι - ἀμελέω [21,29.32; 22,5]).
- d) Na parábola dos vinhateiros e no banquete nupcial (ἀπέστειλεν τοὺς δούλους αὐτοῦ [21,34; 22,3], πάλιν ἀπέστειλεν ἄλλους δούλους [21,36; 22,4], ἀποκτείνω [21,35.39; 22,6], υἱός [21,37s; 22,2], ἀπόλλυμι [21,41; 22,7], παραβολή [21,45; 22,1]).

Portanto, as três parábolas, que tratam da culpa⁶⁶ dos antagonistas de Jesus (21,28-32), a repreensão a eles destinada (21,33-43) e o cumprimento dessa penalidade (22,1-4), constituem a primeira parte do grande ajuste de contas de

⁶⁵DAVIES, W.D. e ALLISON, D. C. *Matthew 19-28*, p. 188. É apresentada uma extensa relação de vocábulos que são comuns a essas três parábolas.

⁶⁶SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 143. É possível perceber o posicionamento teológico e histórico de Mateus ao tratar da culpabilidade de Israel, no contexto dessas parábolas. U. Schnelle descreve essa intencionalidade do redator mateano: “As três perícopes tornam visível a posição teológica e histórica de Mateus a desobediência de Israel, que no passado se explicitou pela perseguição e morte dos profetas, atingiu o ápice no assassinato do filho. Em decorrência, Deus castigou o povo, outrora eleito, e deu o bem de salvação da βασιλεία τοῦ θεοῦ a outro ἔθνος, que produzirá frutos de acordo com a vontade de Deus. Essa substituição na história da salvação de Israel pela Igreja já se concretizou há muito para Mateus. Ele a descreve

Jesus com os adversários no Templo⁶⁷, que acontece no segundo dia de sua estadia em Jerusalém, enfatizado pelo debate sobre a sua autoridade (21,23-27). Esses debates iniciam-se com a entrada no Templo em 21,23 “*E entrando ele no Templo...*” (Καὶ ἐλθόντος αὐτοῦ εἰς τὸ ἱερόν) e se estende até 24,1 com sua *saída do Templo* (Καὶ ἐξεληθὼν ... ἀπὸ τοῦ ἱεροῦ). Esta parte é emoldurada respectivamente por 21,18-22⁶⁸ e 24,1-2. Assim, as três parábolas foram estabelecidas programaticamente por Mateus para atender o seu objetivo⁶⁹.

2.5.1.

A estrutura da parábola dos vinhateiros (21,33-46)

a) Exposição da parábola (33-39)

Dentro da perspectiva de uma parábola, Mateus apresenta os vinhateiros homicidas, proporcionando um rápido anúncio na sua introdução em 33a⁷⁰:

na retrospectiva sob o ângulo de uma Igreja judeu-cristã que há muito tempo se abriu para a missão aos gentios (Mt 28,16-20)”.

⁶⁷Cf., OVERMAN, J. A., *Igreja e comunidade em crise, o Evangelho segundo Mateus*, 1999, p. 319. De acordo com Overman, “do ponto de vista de Mateus, o Templo, a corrupção e a subsequente destruição dele são um problema e um incidente que aconteceram a todos os judeus e judaísmos, no passado recente e no contexto de Mateus”.

⁶⁸Em 21,18-22, Jesus se encontra no caminho de Betânia para Jerusalém, especificamente em direção ao Templo. No caminho ocorre a impressionante destruição da figueira na presença dos seus discípulos. A figueira é uma imagem do Templo. Em 24,1-2 trata do anúncio da destruição do Templo, tal discurso ocorre na presença dos seus discípulos.

⁶⁹Cf., SALDARINI, A. J., *A Comunidade judaico-cristã de Mateus*, pp. 114-115. Saldarini resume os capítulos 21-22, juntamente com o 23, da seguinte maneira: “Em suma [...] são o clímax do ataque de Mateus aos líderes da comunidade judaica. Ele os ataca porque são os líderes estabelecidos da comunidade que se opôs a ele, a seu grupo e à interpretação que eles davam do judaísmo. Os ataques também servem para suas tentativas de deslegitimar os líderes e, assim, afastar o povo de Israel dos ‘guias cegos’ e levá-los a Jesus e ao grupo mateano. Para atingir seus objetivos, Mateus apresenta Jesus como líder popular messiânico ao qual as autoridades do Templo se opõem. Jesus os derrota em uma série de cinco controvérsias, demonstrando dessa forma sua autoridade didática. A primeira controvérsia diz respeito à autoridade de Jesus e de João Batista. A origem divina de sua autoridade como Filho de Deus e a censurável rejeição dessa autoridade são comunicadas mais extensamente por intermédio das três parábolas dos capítulos 21-22. Os chefes dos sacerdotes e os fariseus entendem que essas parábolas referem-se a eles (21,45-46)”

⁷⁰ Cf., DAVIES, W.D. e ALLISON, D. C. *Matthew 19-28*, pp. 174-175. A estrutura de 21,33-44 é similar as estruturas de discursos nas sinagogas, onde o orador faz uso de um texto da escritura bíblica com ilustração através de uma parábola, enfatizando suas palavras com uma interpretação da passagem bíblica. Assim, o v. 33a é a introdução com menção ao texto de Isaías 5,1-2; para em seguida com 33b - 41 fazer a exposição por meio de uma parábola, unida ao texto inicial pela palavra-chave *vinha* - ἀμπελώνος (vv. 39.40.41) e *apedrejaram* - λιθοβολέω (v.35; cf. Isa 5, 2, ἔρημ).

A conclusão é iniciada em 42-44 reportando aos textos veterotestamentários de Sl 118,22 e Dn

“*Escutai outra parábola ...*”, (“*Ἄλλην παραβολὴν ἀκούσατε*”), atrelando-a desse modo a períclope anterior (28-32). A partir do 33b a narrativa se estende ininterruptamente até a citação veterotestamentária no v.44. Em 33b o relato apresenta como o *proprietário* (οἰκοδεσπότης) envia os seus servos para receber a sua parte dos frutos (τῶν καρπῶν) e como são tratados de forma terrível pelos vinhateiros (v. 34s).

De maneira abreviada, encontramos o relato paralelo da segunda missão dos servos (v. 36). Por sua vez, narra-se em pormenor a missão do filho (v. 37-39): podemos observar que neste episódio aparece destacado, não apenas por um indício temporal (ἕστερον), mas, também introduzida por λέγων e por εἶπον ἐν ἑαυτοῖς.

As frases temporais introdutórias:

- 34a: “*Quando, porém, se aproximou o tempo dos frutos*”, (ὅτε δὲ ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῶν καρπῶν)
- 40a “*Quando, portanto, vier o senhor da vinha*”, (ὅταν οὖν ἔλθῃ ὁ κύριος τοῦ ἀμπελῶνος)

Estão articuladas de tal modo que podem ser encadeadas em duas partes:

Primeiro é indicado o arco narrativo que começa no verso 34 e encerra naturalmente no verso 39.

Segundo (na etapa seguinte: “*juízo*”) surge o importante e decisivo diálogo final, dando a sequência ao arco, agora na articulação do v. 40 até 41.

Deste modo, Mateus apresenta nesse arco narrativo uma série de três ações e três respostas (w. 34-39)⁷¹ numa articulação dramática entre o *proprietário* – lit. “homem dono de casa” (οἰκοδεσπότης) e os *lavradores-vinhateiros* (γεωργοί) da história. É nessa perspectiva que o enredo se desenvolve com o objetivo de conduzir os leitores - ouvintes a um juízo iminente (v. 41) após a pergunta do verso 40.

2,34-5;44-5 que se uni ao texto inicial pela palavra-chave *rejeitaram* - οἰκοδομεῖν (v. 42, cf. Dn 2,44, 27) e a *pedra* - λίθος (w. 42.44; cf. v. 35).

A¹ οἰκοδεσπότης εννία ος servos - ἀπέστειλεν τοὺς δούλους (34)

B¹ οἱ γεωργοὶ feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro (35)

A² οἰκοδεσπότης εννία mais servos - ἀπέστειλεν ἄλλους δούλους (36a)

B² οἱ γεωργοὶ fizeram-lhes o mesmo (36b)

A³ οἰκοδεσπότης εννία ο filho - ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν (37)

B³ οἱ γεωργοὶ ο matam - ἀπέκτειναν (38-9)

b) O julgamento (40-41)

Após a exposição da parábola, o diálogo final fecha o arco na articulação do v. 40 até 41. A frase temporal introduz a segunda parte do texto que relata o processo judicial: 40a “*Quando, portanto, vier o senhor da vinha*”, Jesus faz a pergunta contundente em 40b: “*que fará àqueles lavradores?*”, (τί ποιήσει τοῖς γεωργοῖς ἐκεῖνοις;). Está formulada de tal modo que os ouvintes se sentem identificados com o proprietário que retorna (v. 40).

Cabe aos interlocutores de Jesus julgarem o caso apresentado; e farão isso respondendo imediatamente em 41: “*Sendo maus, de modo mau os destruirá, e a vinha arrendará a outros lavradores, tais que pagarão a ele os frutos no tempo devido*”.

c) Acusação e interpretação (42-46)

Como na parábola anterior (v. 31ab), o narrador confirma e interpreta estilisticamente este juízo, e o faz com uma frase bíblica preparatória em 42: “*Nunca lestes nas Escrituras*”, (οὐδέποτε ἀνέγνωτε ἐν ταῖς γραφαῖς;).

A sentença

Em 43 a sentença é promulgada: “*Por isso vos digo*”, διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν⁷². A cláusula é introduzida com o λέγω ὑμῖν. A principal reclamação é a

⁷¹Cf., DAVIES, W.D. e ALLISON, D. C. *Matthew 19-28*, pp. 174-175.

⁷²Cf., A. OGAWA, *Paraboles de l'Israël véritable? Reconsidération critique de Mt. XXI 28 - XXII 14*, p. 138. Quanto ao v. 43 a estrutura é observada por A. Ogawa: “Mt a introduit le v. 43 par διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν. Il est évident que c'est pour lui la conclusion de la parabole. Mt prend

necessidade de produzir (ποιέω) frutos, conseqüentemente a transferência para um novo ἔθνος. Os interlocutores interpretam com perfeição a parábola. Entendem que a história relatada mostra o próprio conflito deles com Jesus.

Na etapa conclusiva da narrativa (44-46), traz uma observação interposta (v. 45s), o narrador passa para a parábola seguinte.

Conclusão

A estrutura da parábola dos vinhateiros mostra uma relação bem organizada com uma segmentação elaborada, manifestando assim tanto o seu conteúdo como seu significado. Ela está inserida na seção que retrata uma série de controvérsias e está arranjada com mais duas parábolas: a parábola do dois filhos (21,28-32) e o banquete nupcial (22,1-14).

A relação temática encontrada nos vinhateiros é também observada tanto na seqüência como no texto que antecede na realidade faz parte de uma seção coerentemente estabelecida e organizada, compondo estruturalmente três parábolas correlacionadas. A nossa proposta foi demonstrar que a estrutura tripartida dos vinhateiros segue um desenvolvimento redacional bem articulado na exposição da parábola, no julgamento e na acusação e interpretação. Portanto, estamos diante de um texto bem arranjado na sua estrutura. Assim, podemos posicionar a parábola dos vinhateiros homicidas numa estrutura mais coerente, como também considerar sua relação no contexto maior da macro estrutura do Evangelho de Mateus, apresentada no modelo dos cinco discursos, que é o de maior relevância para a avaliação da nossa hipótese principal.

probablement ensemble les deux versets 43 et 44 comme conclusion. Le 41 parle autant du châtement que du transfert de la vigne. Non seulement il reproduit le texte marcion Mc xii 9, mais il le souligne: κακούς κακῶς ἀπολέσει αὐτούς. Il pense vraisemblablement à la catastrophe de Jérusalem. Malgré cela, si le v. 43 ne reprend que le deuxième thème du v. 41 (le transfert de la vigne), Mt devait avoir l'intention de développer le premier thème au v. 44. (...) Dans cette structure, le v. 42 est mis entre parenthèses, et Mt ne rapporte le v. 43 qu'au v. 41. Il ne l'a laissé que parce qu'il a presle v. 42 comme partie intégrante de la parabole. Ainsi, la conclusion de Mt (les vv. 43-44) n'ajoute rien de nouveau: passant de l'image figurée au monde réel, Mt a simplement explicité ce que la parabole indiquait. Cette structure met en doute l'opinion très courante selon la quelle Mt dessine ici l'histoire du salut selon le schéma 'des Juifs à l'Eglise'. Certes, l' ἔθνος du v. 43 n'indique nulle autre que l'Eglise, mais Mt précise davantage: l' ἔθνος, produira ses fruits”.